

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 11 — TAVIRA

DIRECTOR

ISIDORO MANUEL PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números—No concelho de Tavira. . . 5500
. . . 11 . . . —Para outras localidades. 9500

Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

**Todos os Nacionalistas
devem inscrever-se no**

**RECENSEAMENTO
ELEITORAL**

ENTRAMOS em novo período de recenseamento eleitoral. — As Câmaras do país, em cumprimento da lei, mandaram já para as gazetas os termos dos editais afixados em todas as localidades do país, para que os cidadãos, a quem a lei eleitoral reconhece o direito de votar, se inscrevam nos respectivos concelhos administrativos. Embora todos os portugueses, conscientes do dever cívico que lhes assiste, de poderem participar na escolha do mais alto magistrado da Nação, e dos seus representantes na Assembleia Nacional, saibam que é uma *obrigação moral* o votar bem nos homens bons, nem por isso queremos deixar passar o período do recenseamento sem lhe lembrarmos a necessidade imperiosa que todos temos de ir à Câmara do nosso concelho inscrevermos o nosso nome ou verificar se já estamos inscritos, para se evitarem surpresas lamentáveis e irremediáveis.

O voto é uma arma, acessível a todos os que se interessam pelos problemas da administração pública e, nesta hora incerta, pelos próprios destinos da Nação, ameaçados pela surda ambição das patrulhas políticas, a soldo do estrangeiro. Se algum dia foi preciso marcar posição de presença num duelo de ideias e de correntes doutrinárias, esse dia não tardará muito a surgir no horizonte da nossa vida política, quando formos chamados a dizer, à boca da urna, o que pensamos da continuidade governativa e administrativa que iniciámos em Maio de 1926, sob a égide da Revolução Nacional, simbolizadas em duas altas personalidades da nossa história contemporânea—Carmona e Salazar.

Compete aos nacionalistas, a todos os homens de boa vontade, empenhados no engrandecimento pátrio e no prolongamento da acção renovadora que a todos encanta e entusiasma, manifestar o seu aplauso e a sua aprovação à política dos homens do Estado Novo,—política que todo o Mundo admira e louva pela seriedade, elevação, humanismo e progresso que a caracteriza e informa.

Por toda a parte se desencadeiam tempestades bravas que sobmergem os próprios fundamentos de nacionalidades seculares. A indisciplina social, a desordem dos espíritos, o triunfo do imperialismo russo põem em perigo a civilização latina e cristã de que nós fazemos parte integrante e de que fomos arautos e pregoeiros. Perante o caos da Europa nós somos, —louvado Deus!—um oásis de paz, trabalho e progresso. Dois factores contribuem para isso, além da protecção de Deus—a orgânica do nosso sistema político e a competência e amor pátrio dos nossos governantes.

Ora, para que continuemos a marcar a mesma honrosa posição entre as demais nações do mundo, importa que a voz das urnas revista a eloquência das apoteozes e dos clamores da justiça que são o apoio de quem governa e a garantia da continuidade histórica da Nação. É o voto que decide as grandes batalhas do nosso tempo. Se é um dever e uma grave obrigação moral votar em quem ofereça as melhores garantias, esse dever e essa obrigação não se podem cumprir sem que, dentro do prazo legal, nos inscrevamos nos respectivos concelhos ou bairros. O prazo vai de 2 de Janeiro a 15 de Março—importa que todos os nacionalistas cumpram este dever de consciência, imposto pela necessidade que temos de intervir nas próximas eleições dos deputados à Assembleia Nacional e de Chefe de Estado, cujo mandato deve terminar no próximo ano.

Que os párcos, os professores e os homens esclarecidos ajudem as populações rurais a compreender o alcance do recenseamento e do voto, que todos se inscrevam a tempo, para que ninguém possa alegar ignorância nas horas críticas em que cada qual pode dispor dum pequeno papel branco—expressões do seu querer e da sua vontade, e de cujo somatório depende, por vezes, o rumo dum povo, quando não dum continente ou do próprio mundo.

Vamos, pois, inscrever-nos e sem demora!

J. de C.

**Bazar das Curiosidades
João de Deus**

Este grande português, poeta, de quem a Nação se orgulha através das suas obras, deixadas testamentariamente numa singela e patriótica saudação de sentimento, é conhecido desde longa data, como o «poeta do amor». Sim; porque todas as suas produções poéticas assim o afirmam.

Das suas obras, além de inúmeros versos, compostos com uma adorável simplicidade, destacam-se «Campo de Flores», «Prosas» e «Cartilha Maternal». A sua dedicação pela poesia não foi somente o que prendeu os momentos da sua vida. João de Deus, compreendendo a falta que fazia um método fácil de ensinar a ler, conseguiu imaginar uma circunspeção de leitura mais expressiva e simples que os anteriores. Depois de dar-lhe o título de «Cartilha Maternal», fez publicar esta obra, que, após o seu aparecimento, colheu as mais justas e calorosas manifestações de agradecimento. Tal foi o seu recebimento, que nas Côrtes de 1898 foi declarada método de leitura nacional.

«Campo de Flores», uma das suas magníficas obras, foi editada com algumas das muitas poesias que nos deixou, numa compilação de Teófilo Braga. «Pro-



João de Deus

sas», outra bela produção, foi também compilada por aquele ilustre mestre pedagogo, com narrativas, cartas, traduções, prólogos, etc.

A sua biografia conta-nos que João de Deus Ramos, seu nome de baptismo, nasceu na aldeia de S. Bartolomeu de Messines, concelho de Silves, em 1830. Matriculou-se na Faculdade de Direito de Coimbra em 1849, onde se bacharelou em 1859. Demorou-se nesta cidade até 1862, ano em que saiu para Beja, onde se dedicou ao jornalismo. Em 1868 foi eleito deputado por Silves. Em 8 de Março de 1895, dia do seu aniversário natalício, foi alvo de uma apoteose nacional, promovida pela mocidade das escolas. Morreu em 1896.

Os seus restos mortais repousam na Sala do Capitulo do majestoso Mosteiro dos Jerónimos, da bela e atraente freguesia de Belém, da cidade das sete colinas—Lisboa.

Em vários locais, dispersos pelo País, existem «Jardins-Escolas João de Deus», que perpetuam o bom nome deste ilustre português, numa admiração inesquecível. No entanto, é de lastimar que na sua terra natal—S.

(CONCLUI NA 2.ª PÁGINA)

Custódio Baptista Vieira

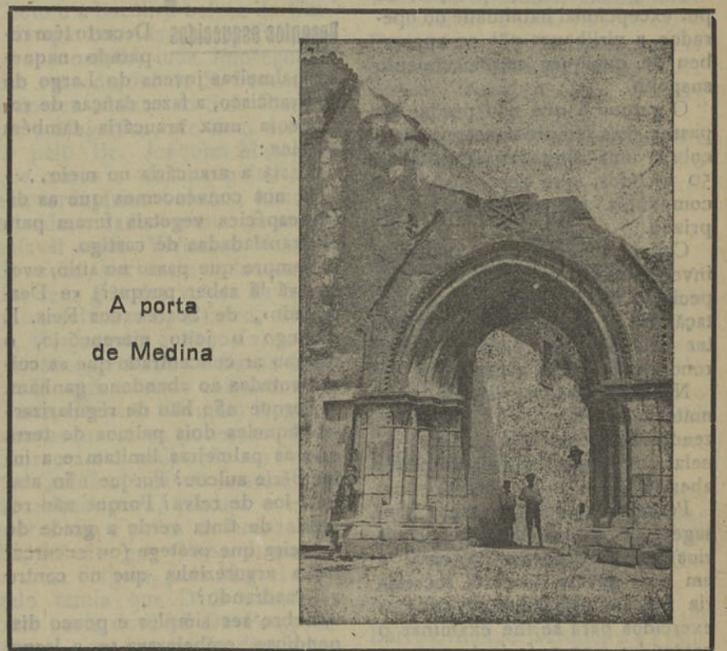
O ALGARVE
(Apontamentos para a sua história)

(Continuação do n.º 705)

O ALGARVE

A sua capital durante o domínio dos arabes foi Chell (Silves) a que também chamavam *Chencir*; e é d'ela que tomava o nome de Chencir, ou Chenchir, todo o reino.

O ultimo rei mouro do Algarve foi Al-Mansor-ben Afan. Os arabes também chamavam Al-Gharb á antiga Turdetania. E'



A porta
de Medina

por isso que usavam os Reis de Portugal o titulo: Algarves d'aquem e d'alem-mar. Os d'aquem são os nossos e os d'alem é a costa africana, fronteira, (a antiga Turdetania).

Os arabes estendiam a denominação do Al-Gharb ás terras da Espanha ocidental e meridional, desde o *Promontorio Sacro* até Almeria; e ás terras fronteiras da Africa desde a boca do estreito de Gibraltar até Tremecem, as quaes se chamavam *Benamerim*, ou *Algarve d'Alem-mar*, como nós dizemos.

Os escritores gregos e romanos mencionam varios povos que habitavam o Algarve, sendo os mais notaveis os *turdetanos*, os *cuneus*, os *cinetas* ou *cinescos*, e os *celtas*.

Ptolomeu colocou os turdetanos desde a foz do Ana (Guadiana) até ao Promontorio Sacro; Festo Avicena coloca aqui os *cuneos* e *cinetas*.

Herodoto e Strabão põem os *celtas* visinhos dos *cinescos*. Entretanto todo este país (apezar dos diferentes povos, com linguas diversas, que o habitavam), se chamou sempre *Turdetania*, ou país dos turdetanos.

Murillo, chama ao Algarve—Lucena, por terem aqui habitado os povos *lucios*.

Parece que desde o estreito de Gibraltar a todo o litoral da Lusitania, se chamava *Turdetania* ou *Tartesso*.

Abraão Ortelio, fundado em Strabão, diz que Tartesso era uma região á entrada do rio *Betis* que no seu tempo era habitada pelos *turdulos*, e á qual alguns chamavam *Erithia*, o que confirma Silvio Itálico.

Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'alem-mar em Afri-



Um Ninho de Cegonhas perto de Fez

ca, porque para os Arabes, Algarves (alharb) correspondia a todas as terras ocidentaes, tanto na Europa como na Africa, e d'elas nos veiu o nome do que havia de ser o Reino do Algarve.

Algarve, é a parte ocidental, ou Poente, (Fei João de Sousa *Vestigios da lingua arabica em Portugal*, palavra propria). *Algarbe*—De *Algarbe*, occidens, em R. Martins, ocidente em P. de Alca-

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

Damião de Vasconcellos

AVENÇA

«Discos» da Semana

GRAVADOS POR MELQUIADES

Gatuno amador Um qualquer desconhecido vem ensaiando em estabelecimentos da terra suas malas-artistas de ratoneiro. E tem-se havido com sorte, o mofo, que continua incógnito.

Uma noite, provavelmente a coberto da propícia escuridão que o regimen de iluminação pública citadino, de madrugada, oferece, averiguou *in loco* o grau de docilidade dos ferrolhos da Tipografia Modêlo; e, tendo apurado que cediam sem cerimónia, insinuou-se na oficina e subtraiu não sei quantos centos de escudos (parece que poucos), depositados numa gaveta.

Como a manhã vinha longe, e ao lado, de mastro alçado, fica a séde da Junta de Freguesia de S. Tiago, decidiu o meliantezinho alargar a manobra até ali, o que deve ter sido tarefa fácil.

Aberta do modo normal, oferece a fechadura da porta suma resistência, sempre assinalada por abalos nos muros do quarteirão; mas naquela noite, ou por perfídia das linguetas, que velhacamente deslizaram sem mór opposição, ou por excepcional habilidade do operador, a vizilhança não se apercebeu de qualquer estremecimento suspeito.

O gatuno é que não perdeu os passos, pois sempre conseguiu descobrir uma singelíssima nota de 50 escudos, que repousava sem companhia em escaninho apropriado.

Como não havia mais valores a inventariar e não valia a pena inspecionar àquela hora a documentação do arquivo, deve o bibrante ter resolvido pôr ponte final na ronda e recolhido a penates.

Nova excursão se fez em outra noite ao Grémio da Lavoura, fazendo-se a penetração por uma janela que ficara inadvertidamente aberta.

Percebeu-se no outro dia, a passagem de pessoa suspeita por vários compartimentos da casa; e em uma gaveta de certa secretária ficaram assinados os esforços exercidos para se lhe examinar o conteúdo; mas a fechadura mostrou-se pouco condescendente e o misterioso inspector desistiu.

Mais recentemente, foi escolhida a Livraria Santos, para campo de operações.

Uma velha arca, que se acha na controlaja, foi desfeiteada, violentando-se-lhe a articulação da aldaba. Não deve ter sido operação complicada.

O gatuno devia saber que ali se arrecadava dinheiro; porém, naquela noite apenas umas insignificantes moedas de cobre guardavam o fundo da arca e de todo desiludiram o tunante.

Também lhe não interessaram as espécies ali arrumadas e desarrumadas, nem sequer um volumezinho de literatura policial, que lhe era tão particularmente indicado para meditações, a desoras, nas noites de folga...

Percebe-se que este colecionador de notas do banco... alheias, ensaia os primeiros passos na arte de furtar. É um dilettante. De maneira nenhuma da estirpe dos Raffles e Lupins.

Convirá, no entanto, não perder de vista certos despreocupados do trabalho que, mesmo sem ocupação conhecida, exibem andaina bem talhada, sem ninguém saber como, nem de onde vem...

Sarrafaçais do tablado

Teatro de profissionais, na provincia, só muito excepcionalmente, nos tempos que vão correndo, se obterá de nível superior.

Ordinariamente é... ordinário. Isto de agrupamentos de cómicos com uma figura de nome feito na testa dos elencos, e illustres desconhecidos a encher o cartaz, é habilidade velha e relha.

O lamentável é que sendo por demais conhecida não deixa de arrastar ao logro pessoas bem intencionadas (certa rapariguinha estorola, nossa conhecida, chama-lhes «trouchas»), que não desdenham acreditar nas «revelações» com que

lhe acenam e que geralmente resultam espectáculos de penúria artística, com estultícia demasiada e muitíssima inconveniência.

Sai-se do Teatro indignado! Não compreendemos muito bem como se pactua com estas miserabilidades e se apelidam de «grandes exitos» os medíocres espectáculos que o pacientíssimo público tolera em vez de se insurgir e lavar rotundo protesto.

Carrega-se no chamariz e os famintos de teatro caem na armadilha, trocando escudos (demasiados) por burundanga, pois até se eleva capciosamente o custo das entradas, para dar a sensação de que as maravilhas prometidas o são mesmo...

Ao fim e ao cabo, aos ingénuos desconsolados só resta maldizer a leviandade de ter acreditado em tanta intrujice e, depois de constatada a fraude, recolher ao leito, que é sitio quente.

Mas, talvez, se não devam responsabilizar pela mistificação unicamente os artistas (?) visitantes...

Recantos esquecidos Decerto têm reparado naquelas palmeiras jovens do Largo de S. Francisco, a fazer danças de roda com uma araucária também menina:

«Está a araucária no meio...» Já nos convencemos que as ditas espécies vegetais foram para ali trasladadas de castigo.

Sempre que passo no sitio, evoco (vá lá saber porquê?) «e Desterrado», de Soares dos Reis. E distingo o jeito merencório, o mesmo ar concentrado que as coisas votadas ao abandono ganham.

Porque não hão de regularizar-se aqueles dois palmos de terra que as palmeiras limitam e a intempérie sulcou? Porque não atapatá-los de relva? Porque não revestir de tinta verde a grade de madeira que protege (ou encarcera) a arvoredinha que no centro vai medrando?

Sobre ser simples e pouco dispendioso, embelezava-se o largo, arredava-se a ideia de desmazelo, que não existe, mas que não podemos impedir de aflorar no pensamento de estranhos que passem e se detenham a olhar...

Damião H. de Brito Vasconcellos

Informa-nos este nosso prezado amigo e colaborador, cuja interessante prosa é já sobejamente conhecida dos nossos leitores, pois Damião de Vasconcellos é colaborador do nosso jornal desde a primeira hora, que já tem preparados para dar á estampa mais os seguintes trabalhos:

«Breve História da Cruz», «O Triunfo da Mulher», «Da Mitologia á Virgem Maria», «Da Ideia de Deus e do Seu Culto», «O Marquês de Pombal» e «Páginas Esquecidas».

Em preparação tem também o autor «A Trindade» e «Culto do Sol», obras que Damião de Vasconcellos pensava publicar em volume; porém, dada a morte recente do seu editor, resolveu reservá-las para o seu querido «Povo Algarvio».

Bazar das Curiosidades

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Bartolomeu de Messines—ainda não fosse edificado um «Jardim-Escola João de Deus», que possa assinalar o nascimento de tão categorizado filho.

Para terminar, transcrevo uma quadra que ele dedicou á manifestação que lhe foi dedicada em Lisboa pela mocidade escolar, em Março de 1895, quando completava 65 anos:

Estas honras e este culto bem se podiam prestar a homens de grande vulto; mas a mim, poeta inculto, espontâneo, popular... é deveras singular.

Custódio Baptista Vieira

Informações

Funcionários Louvados

«Visto exercerem as funções do seu cargo com zelo, competência, inteligência, dedicação e aprumo moral», o sr. Ministro das Finanças, concordando com tal apreciação, constante da proposta da Inspeção Geral de Finanças, resultante da classificação de *Muito Bom* que deu aos funcionários srs. José Augusto Baptista Pires e José Julio Frazão, respectivamente, chefe da secretaria e tesoureiro da Câmara Municipal de Olhão, assim o confirmou por seu despacho de 3 do corrente no respectivo processo.

Na Secretaria Judicial de Tavira, está vago o lugar de chefe da secção de processos.

A Santa Casa da Misericórdia desta cidade foi concedida a comparticipação de 53.150,000, para aquisição de um aparelho de raios X.

Foi promovido no lugar de Chefe de Estação dos Caminhos de Ferro de 3.ª classe e colocado em Tunes, o nosso conterrâneo e assinante sr. Mário Santos.

A seu pedido, foi nomeado Chefe da Estação dos Caminhos de Ferro desta cidade o sr. José de Sousa Salgado, que actualmente estava prestando serviço em Tunes.

A seu pedido foi transferido da Secção de Finanças de Olhão para a de Tavira, o nosso conterrâneo e assinante sr. José Albino, informador fiscal.

FUTEBOL

Lusitano, 2 — Vitória, 1 (ao intervalo 1-1)

Terminou a sua digressão pelo Algarve o Vitória de Setubal, não conseguindo levar desta provincia um único ponto para a sua classificação.

O Vitória é um grupo aguerrido e que joga duro, tão duro mesmo que a violência não tem que pedir licença para se apresentar...

Conseguiu o Lusitano a vitória necessária; mas, para isso, teve que jogar, usando em excesso tudo que o futebol requer.

A arbitragem, benevolenta, permitiu o uso pelos de Setubal de truques e posições, que a lei proíbe.

As palavras e o entusiasmo com que a assistência recebeu a segunda bola, mostra bem o grau de simpatia que o Lusitano disfruta — e que merece pelo brio com que reage aos seus incitamentos e pelo esforço que dispense para nos oferecer, além de mais, entusiasmo e alegria nas suas jogadas.

Boavista, 2 — Olhanense, 0 (ao intervalo 1-0)

Continuá a mostrar menos do que vale o nosso Olhanense. Faz pena vê-lo tão mal situado em relação ao seu real valor, que a expressão dos resultados teima em diminuir.

O grupo, alem da crise de adaptação de novos elementos porque está passando, está como consequência directa desta, a atravessar um periodo de falta de confiança, que a má sorte do jogo nalguns encontros teem avolumado. Um ou dois resultados bons, uma tarde em que tudo lhe safa bem ou que a sorte lhe sorria, nós veremos como o Olhanense depressa transformará essa falta de confiança em força de vontade para vencer não só os adversários, mas também, e isto é importante, aqueles que já não acreditam na sua recuperação.

Restantes resultados: Sporting, 1-Benfica, 3; Estoril, 5-Belenenses, 2; Atlético, 6-Académica, 0; Guimarães, 0-Porto, 3; Elvas, 3-Braga, 1.

E.

Hoje, em Olhão, Olhanense-Vitória de Guimarães, e no Porto, Porto-Lusitano;

Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro

JOGOS FLORAIS DO FIM DO ANO

QUADRA

Menção Honrosa

Menção Honrosa

Minha mãe, santa velhinha,
Sem ser lume aquece a casa...
—Lembra cinza de lareira
Que ainda esconde uma brasa...

Não penso, por mais que penso,
No que de amor te diria.
Mas também... por mais que penso,
Nunca virá esse dia.

Febo

Lia

Moura Lapa

Maria Amália Falcão Padinha—Tavira

Poesia obrigada a mote

Menção Honrosa

Menção Honrosa

MOTE

GLOSA

O meu coração desfaz-se
Num pranto que não tem fim.
Tu, que vês por que ele nasce,
Vê lá se tens dó de mim.

Isidoro Pires

GLOSA

Minha vida é um anseio
—Aquele que não mais vem.
Em tudo pressinto alguém:
No canto heroico do mar,
Nas pregas de alvo luar,
No oiro do sol que nasce!
Mas quando o sonho se esvai
O desespero em mim cai...
O meu coração desfaz-se.

Anda a meu lado a amargura
Nos dias sem luz, vazios,
Feitos dos silêncios frios
Da voz de anjo que se cala
—Voz que no meu peito fala
E está tão longe de mim...
Tão longe, Senhor, tão longe!
Faz de mim sombrio monge
Num pranto que não tem fim.

Mas sei que virás um dia!
Tu hás-de emergir da bruma,
Talvez gerada p'la espuma
Das ondas beijando a areia...
Em noite de lua cheia,
Fada que meus sonhos pasce
—Os sonhos do meu amor
Que só tu sabes de cor,
Tu que vês porque ele nasce.

E fico esperando assim
—Na nostalgia e na fé.
E hei-de esperar até
Que o céu se funda no mar,
Que o sol abraçe o luar,
Que dia se faça enfim.
E sinto que hás-de chegar!
E nem preciso implorar:
Vê lá se tens dó de mim.

Domínicus

Domingos José de Mendonça
Santos Raimundo — Lisboa

Martirio

Victor Castela

TAVIRA, Cara Cidade

Poesia da autoria do nosso prezado amigo, sr. Capitão Joaquim Maria Galhardo, dedicada aos Jogos Florais do Fim do Ano

É já longa a tua idade,
O' minha cidade moira,
Que és sol de outono doira
E inunda de alacridade.

Entre teus muros fui nado,
Conheço-os bem e o teu chão,
Tenho por ti devoção,
Arruobos de namorado.

Se tuas ruas devasso,
Acho um encanto infinito
Em tudo aquilo que fito
E descubro a cada passo.

Refulgindo, o casario
Tem cintilações de gema.
Teus monumentos, o rio,
São estrofes dum poema.

A velha Arcada ladeia
Tua Praça nobre e franca;
Na esquina, espreita a carranca
De Paio Peres Gorreia...

Vetusto castelo alçado
Pla moirama destemida,
Proclama gesta vivida
No teu remoto passado.

Na matriz se sepultaram
As ossadas dos primeiros
Legendários cavaleiros
Que com sangue te sagraram.

A ponte de sete arcos,
Espelhada na corrente.
Remira, enlevadamente,
Esbeltos, vistosos barcos.

Virtudes tem-las a esmo
E uma ou outra imperfeição;
Mas venero-te assim mesmo,
De todo o meu coração.

Tavira, Outono, 1947

PELA CIDADE

Teatro António Pinheiro—Espectáculos da Semana—Hoje, Ré-prise do filme *Bola ao Centro*.
Dia 20 — Terça-feira — *Cosinheira á Força*. Com o grande actor cómico Artur Askei e o célebre «Stinker» da Rádio Richard Murdoch. Uma graciosíssima comédia de alegria, mocidade e lindas canções.

Dia 22—Quinta-feira—*Aposta Original*. Deliciosa Comédia com o grande actor Cary Grant e um apreciado elenco de que fazem parte Mary Brian, Charles Farrell e Gary Marsh.

Dia 24—Sabado—O sensacional e empolgante filme os *Espeelhos*.

DOS LIVROS

O Milagre das Rosas

... Mas os trabalhos prosseguiram, na verdade, pela força de ânimo da rainha. Ela podia lá pensar que faltasse dinheiro para dar aos famintos, para ajudar os necessitados, para pagar as suas promessas em prol dos aflitos... Não, esse dinheiro tinha de aparecer de qualquer modo! Assim se construiu o hospital e a igreja de Leiria, assim se realizaram obras valiosas em Santarém e Coimbra, especialmente nesta última cidade, onde as cheias impetuosas tinham devastado muitas casas das freiras de Santa Clara.

A rainha levava o seu zelo pelos trabalhos em curso ao ponto de vigiar a própria a tarefa dos operários. Estes, sentindo-se desvanecidos com tão real presença e com os auxílios monetários que Dona Isabel lhe prestava, trabalhavam com redobrado ardor.

Por isso mesmo, as obras decorreram vertiginosamente e todos nós estávamos admirados de tal velocidade. Porém, chegaram aos ouvidos do rei boatos insistentes sobre as ajudadas quantias que a rainha distribuía pelos operários mais pobres e necessitados. D. Dinis resolveu pôr cobro, de uma vez, a esse hábito. E um dia, quando Dona Isabel saiu dos Paços de Coimbra, acompanhada pelas damas e cavaleiros do seu séquito, para se dirigir às obras, surgiu-lhe, de súbito, na frente a figura desempenhada do rei.

Bom dia, Senhora! Ia partir para uma caçada, mas lembrei-me de vos saudar.

Agradeço-vos a vossa boa ideia, respondeu Dona Isabel, recolhendo-se um pouco entre nós e procurando disfarçar o que levava no regaço.

Compreendi desde logo a intenção da rainha. Ela procurava esquivar-se, decerto, às indiscrições e censuras de el-rei, que não aparecera ali por acaso...

Mas D. Dinis, não perdendo o ar sorridente, continuou:

Podeis-me dizer, Senhora, onde ides tão cedo?

Houve uma pequena pausa. Depois, a rainha respondeu com voz firme:

Vou armar os altares do mosteiro de Santa Clara.

El-rei olhou-a, com sobrececho carregado. Ele notara o gesto da esposa, tentando ocultar o que quer fosse. E, assim, sem mais delongas, perguntou-lhe:

E que levais no vosso regaço, senhora. Aí-lá-fé que pareceis reciosa... Nem quero acreditar que pretendes ir distribuir novas esmolas pelos vossos protegidos... Isso seria contra todas as minhas ordens e contra todos os meus conselhos... Dizei-me pois o que levais no regaço...

Por um momento, a rainha permaneceu silenciosa, como que enleada. Todos nós, os do seu séquito, receávamos também a cólera de el-rei D. Dinis. De facto, víramos Dona Isabel, antes de sair, ter recolhido no regaço, o dinheiro que ia distribuir pelos pobres. Como poderia ela agora desculpá-lo perante seu esposo? D. Dinis parecia igualmente inquieto. A sua voz endureceu bastante, quando falou de novo:

Então, Senhora, terei de dar ouvidos aos boatos? Sempre é verdade que levais no vosso regaço dinheiro para oferecer aos maltrapilhos de toda a espécie. Enganai vos, Real Senhor, disse a rainha de repente, surpreendendo-nos a todos. Enganai-vos, repito... O que levo no meu regaço são rosas para enfeitar os altares do mosteiro!

Rosas? repetiu o rei, sem acreditar. Como vos atreveis a mentir-me, Senhora? Se aqui estou, se aqui vim é porque alguém me revelou que leváveis dinheiro... Compreendeis?

O rosto da rainha não se contraiu, sequer. E humildemente, para nosso maior espanto, repetiu apenas:

Enganai-vos e enganou-se quem

vos informou... São rosas o que levo no meu regaço.

Então mostrai-me! gritou o rei, num impulso de furor, por pensar que o pretendiam ludibriar.

E ante o ar atônito, boquiaberto, de quantos a rodeavam a rainha Dona Isabel abriu o regaço e deixou ver um ramo de rosas maravilhosas.

Frei Pedro Sena, que se encontrava um pouco atrás, ajoelhou imediatamente, persignando-se e beijando a orla do vestido da rainha.

Milagre! murmurou o frade. Milagre!

O rei não tirava os olhos de cima do ramalhete de flores. Só daí a instantes voltou a falar:

Perdoai-me, Senhora, se vos ofendi... Mas nunca esperei ver rosas tão lindas neste tempo.

E despedindo-se, continuou o seu caminho, deixando que a rainha seguisse em paz para o mosteiro de Santa Clara, onde distribuía as suas esmolas e enfeitou os altares. Contudo, dentro de horas, toda a cidade de Coimbra estava ao corrente do novo milagre, apregoado pela voz altisonante de Frei Pedro Serra.

Nunca cheguei a saber explicar, na verdade, o que se passara. Seriam aquelas rosas flores artificiais mandadas fabricar pela rainha especialmente para ornar o altares? Teria ela conseguido colher rosas tão belas nalgum jardim particular da cidade? Ou seria, de facto, um grande milagre, um autêntico milagre, como afirmava Frei Pedro Serra com todo o fervor da sua fé?... Só Deus o sabe—e Deus é grande!...

Já o «Povo Algarvio» teve ocasião de se referir, como lhe competia, ao novo trabalho do biógrafo romancista Gentil Marques, intitulado «Rainha Santa» e que constitui mais uma prova do notável talento literário do ilustre escritor da nova geração e algarvio pelo sentir.

Pedindo vênias para transcrever o capítulo em que se descreve o conhecido Milagre das Rosas, queremos mostrar aos leitores que não exageramos quando afirmámos que Gentil Marques destaca-se, sem favor, entre os bons cultores do romance biográfico.

Pela Província

Conceição de Tavira

Sociedade Recreativa Cabanense—Em Assembleia Geral, realizada há dias, foram eleitos os seguintes membros, para a gerência do corrente ano:

Direcção—Presidente, Sebastião da Conceição Silva; Vice-Presidente, Eliseu de Sousa e Silva; Secretário, Jaime Pires Faleiro; Tesoureiro, Virgílio da Conceição Pires.

Vogais—Veríssimo da Silva Fernandes, Sebastião Antonio da Encarnação e Urgel de Danva Canau.

Assembleia Geral—Presidente, Manuel Gil Carreira; Vice-Presidente, José das Chagas; 1.º Secretário, António do Carmo; 2.º Secretário, José do Carmo Viana.

Conselho Fiscal—Presidente, António Maria Fernandes; Secretário, João Maria das Chagas; Relator, Aureliano Veríssimo da Silva.

Vogais—Sebastião da Silva Neves, José Sebastião da Cruz Fernandes e António de Jesus Canau.

Baile—Realizou-se há dias no salão da Sociedade Recreativa Cabanense um grandioso baile, abrilhantado pela orquestra «Os Cabanenses», cuja receita foi distribuída pelos pobres mais necessitados desta freguesia.

Notícias Pessoais—De passeio às suas propriedades, vimos nesta freguesia, acompanhado de sua esposa, o sr. Capitão Jorge Coelho Filipe Ribeiro, Presidente da Câmara Municipal de Tavira.

Doente—Após a melindrosa operação a que foi submetida no Hospital da Misericórdia de Tavira, já se encontra em franca convalescência a sr.ª D. Maria Lúcia Caldas Ferraz Costa Pinto, distinta professora oficial nesta freguesia, esposa do sr. Tenente António José da Costa Pinto.

Fazemos votos pelo seu completo restabelecimento.

Falecimento—Com 68 anos de idade, faleceu no passado dia 5 do corrente nesta freguesia, donde era natural, a sr.ª D. Maria da Conceição Fernandes.

A extinta deixa viúvo o sr. António Jerónimo Canau, proprietário, e era mãe das sr.ªs D. Alzira da Encarnação Fernandes e D. Lucília Judite Fernandes, e sogra dos srs. José da Silva Vidal, comerciante, residente em Lisboa,

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—Mle. Maria José da Palma Gonçalves.

Em 10—D. Maria Luísa da Trindade Custódio Palermo, D. Maria Olinda Costa Trindade e sr. José Manuel Padinha.

Em 20—D. Umbelina da Cruz Matos Parreira, D. Aldomira da Conceição Camões Soares, srs. João Estêvão Baptista Pires, Sebastião José Dias, Sebastião Baptista Leiria e Sebastião do Nascimento Gonçalves.

Em 21—D. Aurélio de Avelar Santos, D. Cristina Lopes Cordeiro, D. Lucília Inês Mateus de Araujo Oliveira, srs. Dr. Zózimo Ramos e Luís José Ribeiro de Jesus.

Em 22—D. Maria Luísa Viegas Ventura.

Em 23—D. Maria Bebiãna Ferreira Leiria e sr. João Córvo Domingues.

Em 24—D. Maria Fernanda Peres Jára, D. Celeste Martins Viegas Cesário, menina Maria João Soares Lobato Centeno, srs. Augusto Pereira Neto e António José Costa Pires.

Partidas e Chegadas

Regressou há dias de Lisboa, acompanhada de seu sobrinho, sr. Augusto Bandeira, a sr.ª D. Etelvina Cabeça Ribeiro.

—Foi à capital, donde já regressou, o nosso conterrâneo sr. João Ribeiro Pessoa de Pádua Cruz, proprietário.

—Com sua esposa, partiu há dias para a capital, o nosso assinante sr. Epaminondas de Azevedo Mota, protético dentário.

—Afim de tomar parte na orquestra do paquete «Patria», seguiu para Lisboa o sr. Gualter Saraiva Rosa.

—Vimos nesta cidade o nosso conterrâneo sr. José Augusto Baptista Pires, chefe da secretaria da Câmara Municipal de Olhão.

—Encontra-se nesta cidade o nosso conterrâneo sr. Arnaldo Bruno da Conceição, empregado numa importante firma comercial do Porto.

—Foi a Lisboa o sr. António Emídio Ferreira Leiria.

—De visita a sua família esteve nesta cidade a sr.ª D. Maria Helena Chagas Silva, residente em Fafe.

—Partiram para Lisboa os estudantes nossos conterrâneos srs. Mário Faísca, Luís Falcão Carvalho Cerqueira e João Carlos Guerreiro.

—Foi a Lisboa o sr. José Januário dos Reis, proprietário do Jota-Bar.

—Encontra-se já há dias nesta cidade, de visita a seus pais, a sr.ª D. Maria Amélia de Matos Peres, esposa do sr. Filipe Manuel dos Santos Peres, funcionário da F. N. P. T., em Lisboa.

—Encontra-se já há dias na capital o sr. Dr. Martiniano Santos, médico, desta cidade, que ali permanecerá durante algum tempo, afim de fazer alguns estudos de interesse para a sua vida clínica.

—Foi a Lisboa, a fim de consultar a ciência médica, o nosso prezado assinante sr. José Pedro Correia, chefe da estação dos caminhos de ferro de Vila Real de Santo António.

Casamento

No dia 31 de Dezembro do ano findo, celebrou-se na Conservatória do Registo Civil de Lisboa, o casamento da sr.ª D. Maria Dulce Peres Reis, natural de Tavira, filha do nosso prezado amigo sr. José Augusto dos Reis Júnior, chefe da secretaria Judicial da Figueira da Foz e da sr.ª D. Maria dos Mártires Peres, com o sr. Fernando dos Santos Pereira, natural de Lisboa.

Necrologia

No dia 8 do corrente, faleceu nesta cidade o sr. José Dias, viúvo, de 86 anos de idade, que foi durante muitos anos empregado do sr. Joaquim da Fonseca Neves, já falecido.

O extinto era pai do sr. Manuel dos Santos Dias, comerciante, desta cidade, e do sr. João Firminio Dias, actualmente empregado em Lisboa.

Faleceu em Lisboa a sr.ª D. Maria Rita dos Santos Viegas, natural de Tavira, viúva, de 82 anos de idade. Era mãe da sr.ª D. Dora dos Santos Viegas.

Em Monchique, faleceu o sr. Dr. José Júdece Samora Gil, médico municipal.

No dia 15 do corrente, faleceu nesta cidade, o nosso prezado conterrâneo sr. Joaquim do Nascimento Rocha Junior, de 62 anos de idade, proprietário e industrial, residente em Tavira.

O extinto deixa viúva a sr.ª D. Maria Isabel de Sousa Rocha e era pai das senhoras D. Natalina João Sousa Rocha Diniz, esposa do sr. Bernardino Padinha Diniz, conceituado comerciante da nossa praça e da D. Judite Sousa Rocha Centeno, esposa do sr. Alberto Maldonado Centeno, proprietário, residente nesta cidade.

Era irmão dos srs. Francisco Rocha, alfaiate, e nosso prezado assinante, Carlos do Nascimento Rocha, industrial, João do Nascimento Rocha, proprietário e António do Nascimento Rocha, solicitador, residente em Setúbal.

O seu funeral, que se realizou no tarde do dia 16 do corrente, foi uma profunda manifestação de pesar tendo-se nele incorporado muitas pessoas.

A família enlutada endereçamos sentidos pesames.

e de Manuel da Conceição Firmino, Guarda Nacional Republicano, residente em Olhão.—E

Extracto da conferência do Sr. Dr. Amadeu Ferreira d'Almeida na sessão mensal de 12-1-1948 realizada na sala «Algarve» da Sociedade de Geografia

Uma viagem pela Itália — Veneza, Milão, Pádua, Assis, Florença e Pompeia

O sr. Dr. Amadeu Ferreira d'Almeida, antigo Ministro Plenipotenciário, continuou ontem na «Sala Algarve» da Sociedade de Geografia a sua interessante viagem pela Itália. Tendo já anteriormente descrito Genova, a Soberba, Pisa, e Roma, a Eterna; dedicou-se agora, com igual entusiasmo, a Veneza, a Serenissima, Milão, Pádua, Assis, Florença e Pompeia. Com grande cópia de detalhes interessantes, descreveu as belezas de Veneza, os seus canais e palácios celebrizados pela memória de Goethe, D'Annunzio e Wagner. Milão e a sua inolvidável Catedral, cujo ambiente e vitrais foram magistralmente cantados pelo Prof. Abel Salazar. Pádua, cara aos portugueses, por ter guardado o nosso St.º Antonio—mas nós não saberíamos fazê-lo melhor nem mais artisticamente! Assis e a sua triple basilica de Cimabue e Giotto e a bucólica beleza da Umbria que convida ao recolhimento e à oração, toda impregnada das recordações de S. Francisco e do seu cántico ao Sol. Florença, a Magnífica, tão bem descrita pelo Dr. Joaquim Manso, e que cativa o viajante pelas suas extraordinárias belezas, historia e lenda, cidade—museu de incalculável valor. Vivem-se ali dias de sonho, por entre os fantasmas dos seus grandes vultos de fama universal: Dante, Galileu, Alfieri, Machiavelli e Foscolo, todos no valioso Pateon de Santa Croce. E ainda a visão carinhosa de Giotto, Ghiberti e Miguel Angelo, sem esquecer os poderosos Medicis e a sua projecção em França. Que inolvidáveis maravilhas de arquitectura, pintura e estatuária! Só a porta de bronze do Baptisterio, por Ghiberti, merece uma viagem, pois Miguel Angelo temia que Deus a levasse para porta do Céu! De Pompeia traz-se uma impressão desoladora, só lá devem ir arqueólogos, pois tudo o que lá houve de arte está recolhido no Museu de Napoles. O regresso da excursão fez-se por Nice e Marselha; e, quando, depois de tanta igreja, ruínas e cemiterios, devíamos ir divertir-nos a Paris, o Agente levamos 4 dias para Lourdes, centro das desgraças e sofrimentos do mundo inteiro! Como unica compensação passava por lá, para Roma, a Virgem de Fátima, com os seus cánticos e milhares de velas, tudo encantador e sentimental, mas para substituir Pa-

ris, pouco divertido! O Conferente distribuiu alguns exemplares da biografia de Sto. António, publicada em Buenos Aires.

PELA CIDADE

Ginásio Clube de Tavira—Corpos Gerentes para o ano de 1948.

Assembleia Geral—Presidente, Dr. Martiniano Pereira dos Santos; Vice-Presidente, José Luis Cesario; 1.º Secretário, Laurentino Batista; 2.º Secretário, Bernardino Padinha Diniz.

Direcção (efectivos)—Presidente, Dr. Eduardo dos Reis Viegas Mansinho; Vice-Presidente, Custódio Pires Soares; 1.º Secretário, Eduardo Vilhena Guerreiro; 2.º Secretário, João Valério Crisostomo Bandeira Carvalho; Tesoureiro, José Pedro Barão Junior.

Substitutos—1.º Secretário, Daniel da Silva Madeira; 2.º Secretário, Sebastião Jose da Luz; Tesoureiro, Daniel Cunha Dias.

Conselho Fiscal (efectivos)—Presidente, Abilio Costa da Encarnação; Secretário, João Pedro Soares; Relator, José Pereira Nolasco.

Substitutos—Presidente, José de Oliveira; Secretário, Isidro José Leiria; Relator, José Jerónimo Correia.

Clube Recreativo Tavirense—Eleição dos Corpos Gerentes para o ano de 1948.

Assembleia Geral—Presidente, Joaquim do Carmo Bento; Vice-Presidente, Joaquim Jerónimo d'Almeida; 1.º Secretário, José Rodrigues Horta; 2.º Secretário, Daniel da Silva Madeira.

Conselho Fiscal—Presidente, Jorge Sotero dos Santos; Secretário, Eduardo V. do C. Azinheira; Relator, Eduardo Viegas Carapeto.

Substitutos—António José de Barros, Manuel Barqueira e Francisco Dias.

Direcção—Presidente, João Luis dos Santos; Vice-Presidente, Faustino Nobre; 1.º Secretário, Joaquim Santana Faleiro; 2.º Secretário, Vivaldo da Conceição Beldade; Tesoureiro, Vitorino Feliciano Cardoso.

Substitutos—Laurentino de Jesus Gonçalves e António Perras Anão.

Farmácia de Serviço—Encontra-se de serviço urgente durante a corrente semana a Farmácia Aldomiro de Sousa.

O ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

lá (Egulas é ianguas, *Glossario etimologico de las palabras españolas de origem oriental*, palavra propria).

E assim o Cabo de S. Vicente chama-se Cabo do Algarve, que é como quem diz Cabo do Ocidente; e Santa Maria do Algarve, é assim denominada «por opposição a Santa Maria do Oriente». (David Lopes. *Os arabes nas obras de Alexandre Herculano*).

Em altura de 37 para 38 graus está situado o Reino do Algarve. Tem esta palavra sua origem e raiz na lingua arabe (1), que significa terra chá, campo fértil e abundante. O sábio Casiri diz que os escritores arabes chamavam a esta parte ocidental da nossa Lusitania *Algarb*, a qual palavra raras vezes expressavam e escreviam da Africa e Mauritania, dando-lhe por distincção o nome de *Almograb*. No seu Larigh, que é um resumo dos feitos e accções heroicas dos califas nas conquistas do Oriente, lemos isto mesmo, como diz João de Barros. Tomás Ilyde tambem escreveu que os moiros chamavam *Algur* a esta provincia ocidental. A palavra arabe (1) Algarve, significa Ocidente; e por ser a parte Ocidental da Espanha a respeito dos moiros, lhe puzeram este nome.

Foram muitas as gentes que habitaram este terreno nos tempos antigos. Fenícios, celtas, cartagineses, turdetanos, gregos, romanos, godos, sarracenos, e outras muitas nações que movidas ou das riquezas e commercio do pais, ou agitadas d'um espirito beligerante, deixavam suas patrias para eternisarem seus nomes nas extranhas terras, invadindo as cidades e logares d'aquella costa do Algarve, já com o titulo de comerciantes e já como conquistadores, a cujas invasões e insultos a todos os tempos esteve sujeito aquele reino.

(Continua)

Damião de Vasconcellos

NOTA (1)— Não reproduzo a palavra arabe porque na tipografia, com certeza, não tem tipo que a exprima.

Motores Marítimos DIESEL

Burmeister & Wain = Alpha

DE

90 HP e 240 HP

Semi-Diesel

June-Munktell

DE

80 HP, 120 HP, e 150 HP

Em stock, para entrega imediata

H. VAULTIER & C.^A

F A R O

Rádio Reparadora do Sul

Reparamos e afinamos com demora
mínima todos os tipos de rádios

SALA DE EXPOSIÇÕES - OFICINA PRÓPRIA

Avenida da República, n.º 49-51-53

OLHÃO

VENDA A PRESTAÇÕES

- DE -

RELOGIOS E JOIAS

- NA -

Ourivesaria J. V. Mansinho

Agradecimento

Manuel dos Santos Dias, Virgínia das Candeias Dias, Maria Celeste Dias, Maria Eduarda Dias e Fausto Manuel Dias vêm, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar a última morada o seu desditoso pai, sogro e avô, cujo funeral se realizou no dia 9 de Janeiro.



AUTOMOVEL

Marca Chevrolet, do ano de 1948, de 13 H. P., em bom estado de funcionamento, vende-se.

Tratar com Manuel dos Santos Prado — Tavira.

Este número foi visado
pela Delegação de
Gensura.

Júlio Sancho

Médico-Radiologista
Raios X - Electroterapia

Rua de Santo António, 32 - 1.º

TELEFONE: Consultório e Residência 368

F A R O

Propriedade

Vende-se no sítio da Capelinha, denominado «Cancela das Almas».

Dirigir carta a Maria Cândida Campos, Rua A Bairro Catariño, n.º 18-1.º-Esq.º (Estefânia) — Lisboa.

Máquinas de Escrever

Todas as espécies de reparações efectua-se com a máxima brevidade por técnico competente

Nesta Redacção se informa

ARRENDAR-SE

HORTA—No sítio da Murteira, junto à Estrada Nacional, com abundancia de água, casas de habitação, ramada, etc.;

AZENHA—Na Fuzeta, de seis pares de mós e para moagem de cereais.

Aceitam-se propostas.

Tratar com a proprietária, na Quinta da Murteira, situada próximo à Alfandanga—Fuzeta.

CARLOS PICOITO

ADVOGADO

Avenida da República, 120-122

F A R O

Consultas em Tavira, às quintas-feiras, no escritório do solicitador Carmo Peres

Deliciosos vinhos do Porto Excelentes Espumantes e Licôres

Admiráveis Aguas Minerais do
Vimeiro, da Bela Vista e Luso

Água de Monchique
a Esc. 3\$50 cada garrafão

A' Venda no

Café Arcada

= TAVIRA =

Para quebrar a monotonia das noites inverniais
não há nada melhor do que um bom receptor de

T. S. F.

DIVERTE E INSTRUI

Os mais modernos e afamados receptores de rádio
encontrarão V. Ex.ªs, para corrente ou baterias.

Vendas a pronto ou a prestações desde Esc. 25\$00 por semana.

GRAFONOLAS

DISCOS—As últimas novidades—FADOS—GUITARRADAS—MÚSICAS DE DANÇA

AERODINAMOS

O fornecedor económico da luz eléctrica nos campos

A PREÇOS MÓDICOS

Agência F. P. R.—Rua Dr. Parreira, 13—TAVIRA

J. A. Pacheco

TAVIRA

Fábricas de moagem de
Farinha espoada e ramas

PANIFICAÇÃO MECÂNICA

Uma maquinaria completa aliada
a um escrupuloso fabrico fazem
com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

Tenham a consagração do
público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13